ISSN: 2358-8829

A NEUROPSICOLOGIA DO MASKING: FUNÇÕES EXECUTIVAS E A INVISIBILIDADE DE MENINAS COM TEA NO CONTEXTO ESCOLAR

Yasmin Belém Silva [1]
Kíssila Santos de Farias [2]

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) faz parte do grupo dos transtornos do neurodesenvolvimento e pode apresentar sinais já nos primeiros anos de vida, trazendo possíveis prejuízos ao funcionamento do indivíduo nos âmbitos cognitivo, motor e social (Freire e Cardoso, 2022). Durante o processo diagnóstico, geralmente por meio de uma avaliação clínica multidisciplinar, é importante investigar não somente os sinais do autismo, mas também a possível presença de deficiência intelectual (DI), outras condições associadas e comorbidades. Para a confirmação diagnóstica, é necessário que o indivíduo preencha os critérios estabelecidos para o TEA (Freire e Cardoso, 2022).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o diagnóstico do autismo considera déficits persistentes na comunicação e na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, além da presença dos sintomas desde o período inicial do desenvolvimento (Freire e Cardoso, 2022; Miranda e Chagas, 2024). Essas características devem causar prejuízos significativos e não serem melhor explicadas por deficiência intelectual ou atraso global do desenvolvimento. Podem se manifestar por meio de diferenças na comunicação verbal e não verbal, na interação com outras pessoas, por movimentos repetitivos, ecolalia, inflexibilidade nas rotinas e interesses restritos. Também podem ocorrer particularidades nas brincadeiras imaginativas e, em alguns casos, deficiência intelectual (Freire e Cardoso, 2022; Miranda e Chagas, 2024).

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Irecê (FAI) - BA, 20258706@faifaculdade.com.br;
[2] Professor orientador: Kíssila Santos de Farías, Me. Psicologia da Saúde, docente da Faculdade Irecê (FAI) - BA, kissila.santos@faifaculdade.com.br.

ISSN: 2358-8829

Estudos epidemiológicos apontam diferenças entre as taxas de identificação do TEA em meninos e meninas, sendo frequentemente apresentada uma proporção aproximada de quatro meninos para cada menina diagnosticada (Freire e Cardoso, 2022). Essa diferença tem motivado discussões sobre possíveis fatores biológicos e socioculturais envolvidos tanto na manifestação do autismo quanto em seu reconhecimento diagnóstico (Freire e Cardoso, 2022; Miranda e Chagas, 2024).

A teoria do Efeito Protetor Feminino busca explicar essa diferença a partir da hipótese de que fatores biológicos poderiam conferir às mulheres uma proteção relativa em relação ao desenvolvimento de características associadas ao autismo (Miranda e Chagas, 2024; Dougherty *et al.*, 2022). Em contrapartida, discussões sobre o perfil feminino do autismo apontam que as características podem se manifestar de maneiras que nem sempre são reconhecidas pelos instrumentos e critérios tradicionalmente utilizados, historicamente fundamentados em amostras predominantemente masculinas (Miranda e Chagas, 2024). Essas perspectivas contribuem para o debate sobre as diferenças de identificação do TEA entre os gêneros e para a investigação de fatores que podem dificultar o reconhecimento do autismo em meninas e mulheres, entre eles, a camuflagem social (*masking*).

A camuflagem social, ou *masking*, pode ser compreendida como um conjunto de estratégias, conscientes ou não, utilizadas para ocultar características autistas ou reproduzir comportamentos considerados socialmente aceitos, com o intuito de facilitar as interações e a aceitação social (Miranda e Chagas, 2024) como, por exemplo, controlar o próprio comportamento e reduzir movimentos repetitivos. Meninas autistas podem apresentar estratégias de camuflagem que tornam algumas de suas características menos perceptíveis nas interações cotidianas, o que pode dificultar o reconhecimento de suas necessidades e a identificação do TEA por meio de instrumentos que se apoiam principalmente em comportamentos observáveis (Freire e Cardoso, 2022).

Apesar dessas características não serem universais de meninas autistas, a manutenção desses comportamentos pode exigir esforço e estar associada a experiências de cansaço, estresse e dificuldades na expressão da própria identidade (Miranda e Chagas, 2024). Ademais, a ausência de biomarcadores específicos para o transtorno e a complexidade de sua avaliação também reforçam a importância de considerar diferentes fatores durante o processo diagnóstico (Freire e Cardoso, 2022).

ISSN: 2358-8829

Também é importante considerar o diagnóstico tardio em meninas, que pode estar relacionado a fatores culturais, às expectativas de gênero e às formas pelas quais as características autistas são reconhecidas socialmente. Meninas podem ser incentivadas a apresentar comportamentos considerados mais contidos ou socialmente adequados, enquanto determinadas manifestações nos meninos podem receber maior atenção por se distanciarem mais das expectativas comportamentais (Freire e Cardoso, 2022; Orrú, 2024). A camuflagem, associada ao predomínio de pesquisas e parâmetros construídos a partir de amostras masculinas, pode contribuir para a invisibilidade de meninas e mulheres autistas e para o reconhecimento tardio de suas necessidades (Freire e Cardoso, 2022; Salgado, 2023).

No contexto educacional, a invisibilidade de meninas autistas também pode estar relacionada à dificuldade das instituições de ensino em reconhecer manifestações do transtorno que não correspondem aos padrões tradicionalmente identificados. Salgado (2023) discute como a educação de meninas e mulheres autistas pode desconsiderar particularidades de gênero e necessidades individuais. O desconhecimento dos profissionais da educação sobre o TEA e a ausência de estratégias pedagógicas adequadas podem contribuir para que determinadas necessidades sejam negligenciadas, sobretudo quando a estudante apresenta comportamentos aparentemente adaptados à rotina escolar. Assim, a adaptação observável em sala de aula, por si só, não permite concluir que a estudante não enfrenta dificuldades ou que dispõe de condições adequadas de aprendizagem e participação (Salgado, 2023).

A dinâmica escolar também pode se relacionar à camuflagem social, na medida em que expectativas de comportamento e padrões de interação podem levar algumas estudantes a ocultar características autistas ou reproduzir comportamentos de outras pessoas para evitar a rejeição (Miranda e Chagas, 2024). Nesse sentido, a camuflagem não deve ser compreendida apenas como uma habilidade de socialização, mas também como uma questão social pode ser analisada em relação às barreiras sociais e institucionais que restringem a expressão das particularidades de cada estudante (Miranda e Chagas, 2024; Orrú, 2024). Orrú (2024) aborda a camuflagem como uma possível resposta às pressões sociais, o que permite considerar a influência do ambiente na maneira como meninas e mulheres autistas expressam suas características.

A literatura consultada relaciona a camuflagem a experiências de sofrimento emocional e a possíveis dificuldades na saúde mental e na construção da identidade

(Orrú, 2024; Miranda e Chagas, 2024). No ambiente escolar, essas questões tornam relevante investigar como as demandas sociais e acadêmicas são vivenciadas por meninas autistas, inclusive naquelas que aparentam acompanhar as rotinas e interações.

Além dos aspectos emocionais e sociais, a camuflagem pode ser investigada em relação ao funcionamento executivo, considerando que determinadas estratégias podem envolver demandas de monitoramento, planejamento e controle do comportamento. Quando essas demandas ocorrem simultaneamente às exigências de aprendizagem, às interações com os colegas e à adaptação às rotinas escolares, torna-se pertinente examinar sua possível relação com o esforço cognitivo e com a participação da estudante (Orrú, 2024; Polónyiová *et al*, 2026).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar como o masking, enquanto performance da normalidade, pode mascarar marcadores clínicos do TEA em meninas autistas e sua relação com os processos de aprendizagem, funcionamento executivo e regulação neurofisiológica. Trata-se de uma revisão sistemática da literatura, orientada pelas diretrizes PRISMA 2020, e justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão sobre as particularidades do autismo em meninas, especialmente diante das dificuldades de reconhecimento de suas necessidades. Os estudos analisados apontam que as pressões de adaptação social e a camuflagem de características autísticas podem aumentar a sobrecarga cognitiva e emocional, contribuir para o estresse e dificultar a identificação do TEA. Nesse sentido, os achados reforçam a importância da avaliação neuropsicológica e do desenvolvimento de práticas educacionais mais inclusivas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo consiste em uma revisão sistemática da literatura, cujo relato foi orientado pelas diretrizes PRISMA 2020 (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), conforme proposto por Page *et al*. (2021), que orientam o relato transparente e sistematizado de revisões, abrangendo critérios de elegibilidade, estratégias de busca, seleção dos estudos, coleta e síntese dos dados. As buscas foram realizadas nas bases e fontes de informação SciELO, PubMed, PePSIC, Springer e Portal de Periódicos CAPES, considerando publicações em português, inglês e espanhol, entre 2016 e 2026.

ISSN: 2358-8829

As estratégias de busca utilizaram descritores e combinações de palavras-chave em português e inglês, relacionados ao autismo, à camuflagem social (*masking*), ao diagnóstico em meninas e mulheres e às funções executivas. Foram empregados operadores booleanos, especialmente AND, e filtros de publicação dos últimos dez anos e de revisão por pares, quando disponíveis. As buscas ocorreram entre maio e novembro de 2026, identificando inicialmente 126 artigos. Após a exclusão de duplicatas e de artigos não pertinentes ao tema, 14 foram selecionados para triagem. Destes, três foram excluídos por apresentarem sobreposição de conteúdo e não aprofundarem aspectos relevantes aos objetivos da pesquisa, resultando em 11 estudos incluídos na revisão.

Foram incluídos estudos que abordassem o *masking* no contexto do TEA, especialmente em meninas e mulheres, considerando seus impactos neurocognitivos e neurofisiológicos e suas possíveis relações com o burnout autista e o rendimento acadêmico. Foram excluídos estudos sobre camuflagem em outros transtornos, manifestações autistas exclusivamente em indivíduos do sexo masculino ou *masking* em populações gerais, sem enfoque nas particularidades do fenômeno em meninas. A seleção foi realizada por dois avaliadores independentes. Os estudos selecionados foram fichados e analisados quanto à pertinência ao objetivo da pesquisa, sendo organizados de acordo com os aspectos investigados. O livro de Orrú (2024), *O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade*, foi utilizado como referência teórica complementar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados obtidos, evidenciou-se que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) se caracteriza principalmente por dificuldades e/ou déficits na comunicação e interação social, podendo ser acompanhado por alterações cognitivas e motoras, além de interesses restritos e comportamentos repetitivos (Moreira, Fink e Saud, 2023).

Contudo, apesar do aumento no número de diagnósticos nos últimos anos, em um estudo de Freire e Cardoso (2022), que analisou 20 artigos sobre o diagnóstico do autismo em meninas, constatou-se que, dos 3.394 indivíduos que constituíam a soma dos participantes de todo o conjunto estudado, somente cerca de 20% eram do gênero feminino. Além disso, também foram observadas diferenças quanto à sintomatologia do transtorno entre os gêneros. Em cerca de 45% dos artigos, os meninos apresentavam

maior frequência de sintomas comumente associados ao autismo, como interesses e atividades repetitivas e outras estereotipias. Em contrapartida, 25% dos estudos analisados evidenciaram que, nas meninas, o comportamento mais frequente era a dificuldade sociocomunicativa, havendo maior sutileza de outros sintomas estereotípicos, o que pode levar a uma má interpretação dos sinais e, consequentemente, a erros de diagnóstico (Freire e Cardoso, 2022; Schuur *et al*., 2024).

Outro ponto discutido nas pesquisas foi as dificuldades diagnósticas e a precisão dos instrumentos utilizados para a identificação do transtorno. Moreira, Fink e Saud (2023) afirmam que as mulheres com TEA expressam "comportamentos únicos para cada critério diagnóstico do transtorno, muitas vezes não reconhecidos pelos instrumentos de investigação". Ou seja, constata-se que mulheres e meninas podem apresentar manifestações distintas daquelas tradicionalmente reconhecidas pelos instrumentos utilizados para a identificação do TEA.

No Brasil, entre os instrumentos mais utilizados para o diagnóstico e rastreio de transtornos do espectro autista, encontram-se o *Modified Checklist for Autism in Toddlers* (M-CHAT-R/T), o *Autism Diagnostic Interview-Revised* (ADI-R), o *Autism Diagnostic Observation Schedule, Second Edition* (ADOS-2), o *Autism Spectrum Screening Questionnaire* (ASSQ) e o *Autism Behavior Checklist* (ABC) (Moreira, Fink e Saud, 2023). Contudo, ao considerar a história da compreensão do autismo, percebe-se que os instrumentos e critérios de investigação foram influenciados pelos fenótipos descritos inicialmente por Kanner e Asperger, cujos estudos contavam com amostras predominantemente masculinas, contribuindo para a construção de parâmetros menos sensíveis às manifestações femininas do transtorno (Moreira, Fink e Saud, 2023).

Aliado à dificuldade relacionada aos instrumentos, as pesquisas também apontam o *masking* como um dos fatores que dificultam o diagnóstico. O *masking*, ou camuflagem social, pode ser compreendido como um conjunto de estratégias comportamentais e cognitivas utilizadas por pessoas autistas para disfarçar características associadas ao TEA e apresentar comportamentos socialmente considerados mais convencionais (Miranda e Chagas, 2024; Moreira, Fink e Saud, 2023; Polónyiová *et al.*, 2026). Entre as práticas identificadas nos estudos estão a manutenção do contato visual, a redução de movimentos repetitivos, o controle dos gestos e expressões faciais, a imitação de comportamentos verbais e não verbais de

ISSN: 2358-8829

outras pessoas, além da preparação prévia de conversas e respostas para determinadas situações sociais (Miranda e Chagas, 2024; Polónyiová *et al.*, 2026).

Essas estratégias podem se manifestar de maneiras distintas. Burroughs, Muscatello e Corbett (2025) destacam que a camuflagem pode envolver tanto estratégias conscientes quanto inconscientes, sendo sustentada, em parte, por mecanismos de compensação cognitiva. Assim, mesmo quando uma pessoa consegue apresentar comportamentos socialmente esperados, as dificuldades sociocognitivas subjacentes ao transtorno não deixam de existir, permanecendo ocultas durante as interações e avaliações clínicas.

No caso das meninas, esse fenômeno apresenta particularidades relacionadas às expectativas sociais e culturais atribuídas ao gênero feminino. Moreira, Fink e Saud (2023) apontam que a camuflagem surge, entre outros fatores, como uma resposta às pressões sociais para que essas meninas se adequem às normas de comportamento esperadas, manifestando-se por meio de estratégias de cooptação e competência social. De maneira semelhante, Simcoe *et al.* (2023) identificaram níveis mais elevados de comportamentos relacionados à camuflagem e à imitação social entre meninas autistas, quando comparadas aos meninos autistas. Dessa forma, o esforço para corresponder às expectativas de comportamento social pode contribuir para que as manifestações do transtorno sejam menos perceptíveis aos familiares, professores e profissionais responsáveis pela avaliação. Moreira, Fink e Saud (2023) discutem que algumas meninas apresentam manifestações subclínicas dos sintomas, isto é, características que podem não alcançar os pontos de corte estabelecidos pelos instrumentos diagnósticos, apesar da existência de dificuldades associadas ao transtorno.

Essa questão torna-se especialmente relevante quando considerada a necessidade de avaliação dos critérios diagnósticos estabelecidos pelo DSM-5. Uma vez que a identificação do TEA depende do atendimento aos critérios clínicos estabelecidos, manifestações menos evidentes podem dificultar o reconhecimento das características necessárias para a confirmação diagnóstica. Schuur *et al.* (2024) destacam que muitas conclusões acerca da semelhança entre a sintomatologia masculina e feminina foram construídas a partir de instrumentos de triagem e diagnóstico desenvolvidos e validados majoritariamente com participantes do sexo masculino. Consequentemente, a aparente ausência de diferenças entre os gêneros pode refletir, em parte, limitações dos próprios métodos de investigação.

ISSN: 2358-8829

Além disso, Polónyiová *et al.* (2026) apontam que meninas sem deficiência intelectual podem apresentar maior capacidade de imitação e aprendizagem social, além de recorrerem a estratégias como a preparação antecipada de conversas, a elaboração de respostas socialmente adequadas e o monitoramento de suas próprias ações. Quando essas estratégias são utilizadas durante uma avaliação clínica, podem reduzir a percepção de determinados traços do transtorno, contribuindo para diagnósticos tardios ou até mesmo para a ausência de encaminhamento para investigação especializada.

Em relação às diferenças fenotípicas entre os sexos, os estudos apontaram algumas características que se diferenciam entre meninas e meninos autistas, porém não foram obtidos dados conclusivos de todos os aspectos. Freire e Cardoso (2022) identificaram que dificuldades sociocomunicativas como manifestações relevantes em meninas autistas. Já Polónyiová *et al.* (2026), em um estudo com 79 crianças autistas de 6 a 12 anos, sendo 20 meninas e 59 meninos sem deficiência intelectual, observaram pontuações menores entre as meninas quanto à quantidade de comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados.

No que diz respeito às habilidades sociais, alguns estudos identificaram diferenças qualitativas na apresentação dessas características. Simcoe *et al.* (2023), por exemplo, encontraram pontuações mais elevadas entre meninas autistas em aspectos relacionados à imitação, ao comportamento associado ao gênero e à sensibilidade sensorial. Entretanto, nem todas as dimensões avaliadas apresentaram diferenças significativas entre meninas e meninos autistas. Quanto às capacidades intelectuais, também não é possível estabelecer uma diferença universal entre os gêneros. Freire e Cardoso (2022) apresentam estudos nos quais meninas autistas demonstraram maior defasagem no quociente de inteligência e na funcionalidade adaptativa, apesar de apresentarem menos estereotipias. Por outro lado, Polónyiová *et al.* (2026) ressaltam que as pesquisas sobre inteligência e diferenças entre os sexos ainda apresentam resultados inconsistentes, sendo necessário considerar fatores como a presença ou ausência de deficiência intelectual, a idade e as características da amostra.

Outro aspecto relevante identificado nas pesquisas refere-se à relação entre o *masking* e as funções executivas. Essas funções correspondem a um conjunto de processos cognitivos responsáveis por organizar e regular comportamentos direcionados a objetivos, envolvendo habilidades como memória de trabalho, controle inibitório,

ISSN: 2358-8829

flexibilidade cognitiva, planejamento, organização e automonitoramento (Burroughs, Muscatello e Corbett, 2025).

Os estudos de Burroughs, Muscatello e Corbett (2025) sobre a relação entre as funções executivas cotidianas e as manifestações sociocomunicativas de crianças e adolescentes autistas, demonstraram que dificuldades na regulação comportamental, especialmente relacionadas à inibição e ao automonitoramento, estavam associadas a todas as dimensões de dificuldades sociais avaliadas. Já as dificuldades de regulação cognitiva, que envolvem habilidades como iniciação, memória de trabalho, planejamento e organização, apresentaram associação com dificuldades de consciência social e comunicação. Por sua vez, a desregulação emocional esteve relacionada a dificuldades de motivação social e comunicação. Os autores também identificaram que o sexo contribuiu significativamente para explicar diferenças nas dificuldades de comunicação e cognição social, mesmo após considerar fatores como idade, quociente de inteligência, gravidade dos sintomas autistas e funcionamento executivo (Burroughs, Muscatello e Corbett, 2025).

Esses resultados são relevantes para a compreensão do *masking*, uma vez que as estratégias de camuflagem podem exigir o monitoramento constante do próprio comportamento, a inibição de respostas espontâneas, a elaboração de respostas sociais e a adaptação às diferentes situações de interação. Dessa maneira, embora determinadas habilidades executivas possam favorecer a utilização de estratégias compensatórias, o esforço necessário para sustentar esses comportamentos pode representar uma demanda cognitiva adicional. Assim, a aparente competência social não deve ser interpretada isoladamente como ausência de dificuldades, pois pode coexistir com prejuízos executivos e com um esforço considerável para manter as interações sociais (Burroughs, Muscatello e Corbett, 2025).

As consequências desse processo também se estendem à saúde mental. Miranda e Chagas (2024) apontam que a camuflagem social pode estar associada ao estresse psicológico, à redução da funcionalidade e a maiores riscos de comprometimento da saúde mental, especialmente entre mulheres autistas. Além disso, os estudos reunidos por Dolfi e Tudose (2025) destacam que mulheres podem receber diagnósticos psiquiátricos alternativos antes do reconhecimento do TEA, como transtornos de ansiedade, depressão, transtornos alimentares e transtorno de personalidade borderline, sendo os sintomas derivados do autismo e do *masking* atribuídos á outras condições.

ISSN: 2358-8829

Além dos impactos psicológicos, Conde-Pumpido Zubizarreta *et al.* (2025) investigaram a relação entre a camuflagem de características autistas e o estresse fisiológico, utilizando a concentração de cortisol capilar como indicador de estresse biológico prolongado. Em uma amostra de 315 participantes, dos quais 69 tinham diagnóstico de autismo, os autores identificaram uma associação entre maiores níveis de camuflagem e maiores concentrações de cortisol nas análises gerais, especialmente entre adultos e participantes autistas. Entretanto, essa relação apresentou resultados diferentes com gêmeos, sugerindo a influência de fatores genéticos e ambientais. Os achados indicam, portanto, uma possível relação entre o *masking* e o estresse fisiológico, embora não permitam estabelecer uma relação causal definitiva.

Nesse sentido, o diagnóstico tardio pode favorecer a continuidade de estratégias de camuflagem sem o devido reconhecimento das necessidades de suporte dessas meninas e mulheres, aumentando a possibilidade de sobrecarga emocional e cognitiva e de esgotamento autista (*autistic burnout*), caracterizado por um estado de exaustão física e mental associado ao acúmulo de demandas e esforços que ultrapassam os recursos disponíveis para enfrentá-las (Dolfi e Tudose, 2025). Esse quadro pode envolver dificuldades de funcionamento executivo, redução da tolerância a estímulos sensoriais, alterações na memória e no raciocínio, dificuldades de comunicação, além de manifestações de ansiedade e depressão (Dolfi e Tudose, 2025).

Assim, pode-se compreender que, no contexto escolar, essas manifestações merecem atenção mesmo diante da não uniformidade do *masing* entre meninas autistas, pois uma estudante que aparenta acompanhar as atividades e interações do ambiente pode estar utilizando recursos cognitivos consideráveis para sustentar essa funcionalidade (Burroughs, Muscatello e Corbett, 2025). O esforço prolongado para monitorar comportamentos, administrar estímulos e corresponder às demandas sociais e acadêmicas pode contribuir para a sobrecarga cognitiva e emocional, especialmente quando essas demandas ultrapassam os recursos disponíveis para enfrentá-las (Dolfi e Tudose, 2025).

Outro fator que contribui para a invisibilidade dessas meninas está relacionado à natureza de seus interesses restritos. Polónyiová *et al.* (2026) apontam que algumas diferenças entre os interesses de meninas e meninos autistas são mais qualitativas do que quantitativas. Enquanto determinados interesses masculinos são frequentemente associados a objetos inanimados, como sistemas mecânicos, automóveis e blocos, os

ISSN: 2358-8829

interesses femininos podem se concentrar em bonecas, animais, cavalos, celebridades, moda, maquiagem, artes, livros e mangás. Embora esses interesses também possam apresentar intensidade e dedicação características do TEA, sua proximidade com atividades socialmente consideradas convencionais para meninas pode dificultar seu reconhecimento como interesses restritos (Polónyiová *et al.,* 2026; Simcoe *et al.*, 2023).

A partir das contribuições de Orrú (2024) sobre o autismo em meninas e mulheres, a questão da invisibilidade do transtorno no gênero feminino também pode ser compreendida também sob uma perspectiva sociocultural e da percepção feminina do autismo. A autora discute como a construção histórica do conhecimento científico sobre o autismo foi marcada pela predominância de referências masculinas, contribuindo para a negligência das singularidades das meninas e mulheres no espectro. Além disso, também destaca que a manutenção de uma aparência de normalidade pode estar associada à exaustão, ao isolamento, à perda da percepção de identidade e ao agravamento de dificuldades relacionadas à saúde mental.

Orrú (2024) também diferencia os processos de camuflagem e compensação, destacando que, enquanto a primeira envolve modificações comportamentais destinadas a ocultar características autistas, a compensação pode envolver o desenvolvimento de estratégias cognitivas alternativas para contornar determinadas dificuldades. Embora esses processos possam ocorrer simultaneamente, ambos podem exigir esforços consideráveis e contribuir para o desgaste emocional quando utilizados continuamente.

Essa discussão permite compreender que a invisibilidade das meninas autistas não significa necessariamente a ausência de dificuldades, mas pode representar justamente a dificuldade de reconhecimento de manifestações que não correspondem ao modelo tradicionalmente associado ao transtorno (Orrú, 2024). No ambiente escolar, esse cenário pode levar à interpretação equivocada de que essas estudantes não necessitam de acompanhamento ou adaptações, uma vez que conseguem manter uma aparência de funcionalidade diante das demandas cotidianas.

Contudo, apesar das contribuições identificadas, também foram observadas lacunas na literatura analisada. Embora os estudos abordem aspectos do funcionamento executivo, das demandas cognitivas e das repercussões psicológicas e fisiológicas associadas ao *masking*, não foram identificadas evidências suficientes que estabeleçam uma relação direta entre esse fenômeno e a reserva cognitiva. Essa ausência aponta para

a necessidade de novas investigações sobre possíveis repercussões da camuflagem social no funcionamento cognitivo ao longo do desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, pode-se concluir que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento complexa e heterogênea, com diferentes manifestações e níveis de necessidade de suporte. Quando consideradas as manifestações do TEA em meninas e mulheres, evidencia-se a necessidade de analisar atentamente o fenômeno do *masking*, uma estratégia de camuflagem de características autistas que, embora não seja exclusiva do gênero feminino, apresenta maior frequência nesse grupo, conforme apontado pela literatura.

Além disso, o *masking* não deve ser compreendido somente como uma estratégia adaptativa, mas como um processo complexo que também envolve aspectos socioculturais relacionados às expectativas sobre o comportamento feminino e à compreensão social do autismo. Nesse sentido, os estudos analisados apontam que a camuflagem social pode contribuir para o atraso no diagnóstico e dificultar o acesso a suportes adequados, além de envolver demandas adicionais sobre as funções executivas e respostas fisiológicas associadas ao estresse. Dessa forma, a funcionalidade aparentemente preservada não representa ausência de dificuldades, podendo estar associada à exaustão autista e a outros prejuízos ao longo do desenvolvimento.

Portanto, faz-se necessário ampliar as pesquisas sobre as diferenças na manifestação do autismo entre meninas e meninos, bem como investigar as relações entre *masking*, funcionamento cognitivo e experiências escolares. Nesse contexto, a avaliação neuropsicológica mostra-se indispensável para identificar as particularidades do perfil cognitivo feminino e subsidiar planos de desenvolvimento individualizados e ajustes curriculares que respeitem as necessidades de cada estudante. Por fim, destaca-se a escassez de pesquisas em língua portuguesa e a necessidade de aprofundar as investigações sobre a possível relação entre o *masking* e a reserva cognitiva.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista, Camuflagem social, Avaliação neuropsicológica, Funcionalidade cognitiva, Revisão sistemática.

REFERÊNCIAS

BURROUGHS, Christina; MUSCATELLO, Rachael A.; CORBETT, Blythe A. The role of everyday executive function in observed social symptoms of autism spectrum disorder. Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 55, p. 2217–2227, 2025. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-024-06351-0.

DOLFI, Alexandra; TUDOSE, Cătălina. Diagnostic challenges of autism spectrum disorder in women without intellectual or language impairments: a narrative review. Journal of Medicine and Life, v. 18, n. 8, p. 710–720, 2025. DOI: https://doi.org/10.25122/jml-2025-0118.

DOUGHERTY, Joseph D. *et al*. Can the "female protective effect" liability threshold model explain sex differences in autism spectrum disorder? Neuron, v. 110, p. 3243–3262, 2022. DOI: https://doi.org/10.1016/j.neuron.2022.06.020.

FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. Revista Psicopedagogia, v. 39, n. 120, p. 435–444, 2022. DOI: https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220033.

MIRANDA, Érica Otoni Pereira; CHAGAS, Lisandra Maria Pereira Fontes. Camuflagem social e diagnóstico tardio de autismo em mulheres: uma revisão integrativa. Revista Neurociências, v. 32, p. 1–19, 2024. DOI: https://doi.org/10.34024/rnc.2024.v32.16553.

MOREIRA, Andressa Gabrielle; FINK, Beatriz Kaminski; SAUD, Guilherme Hachiya. Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista em mulheres: viés de gênero nos instrumentos de avaliação. Revista Foco, Curitiba, v. 16, n. 8, e2733, 2023. DOI: https://doi.org/10.54751/revistafoco.v16n8-005

ORRÚ, Sílvia Ester. O autismo em meninas e mulheres: diferença e interseccionalidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. BMJ, v. 372, n. 71, 2021. DOI: https://doi.org/10.1136/bmj.n71.

POLÓNYIOVÁ, Katarína *et al*. Sex/gender differences in autistic traits, intelligence and executive functions of school-aged autistic children without intellectual disability. Archives of Women's Mental Health, v. 29, art. 9, 2026. DOI: https://doi.org/10.1007/s00737-025-01663-1.

SALGADO, Gisele Mascarelli. Direito à educação de mulheres e meninas autistas. Revista Educação Inclusiva (REIN), v. 8, n. 1, 2023. Disponível em: https://revista.uepb.edu.br/REIN/pt_BR/article/view/1720. Acesso em: 30 de novembro de 2026.

SCHUUR, Ana Paula *et al*. Dificuldades no diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista no sexo feminino. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 7, n. 4, p. 1–12, 2024. DOI: https://doi.org/10.34119/bjhrv7n4-369.

SIMCOE, Sarah Mae *et al*. Are there gender-based variations in the presentation of autism amongst female and male children? Journal of Autism and Developmental Disorders, v. 53, p. 3627–3635, 2023. DOI: https://doi.org/10.1007/s10803-022-05552-9.

ZUBIZARRETA, Sabela Conde-Pumpido *et al*. The impact of camouflaging autistic traits on psychological and physiological stress: a co-twin control study. Molecular Autism, v. 16, art. 59, 2025. DOI: https://doi.org/10.1186/s13229-025-00695-9